

## A filosofia do jeito

por Fernanda Carlos Borges

A filosofia no Brasil não tem um apelo popular: poucas pessoas se interessam pela filosofia oficial. Mas será que os brasileiros que não se interessam por filosofia ou é uma filosofia feita entre nós que não tem muito interesse pelos brasileiros?

A filosofia não é um objeto que algumas pessoas possuem ou dominam, a filosofia é uma competência humana: a capacidade para conceber o mundo na medida em que orientamos nossa percepção e nossas ações, enquanto produzimos sentidos. Esta capacidade acontece com um corpo que precisa assumir posição diante das urgências do cotidiano, caso contrário ficamos desorientados - sem norte, sem orientação: mal posicionados.

O filosofar ocorre na rua porque na rua é urgente posicionar-se: é preciso achar o jeito. O jeito é a síntese da relação entre nosso sistema sensorio-motor e a situação. Situação significa uma relação espaço-temporal: tanto a concepção de uma idéia quanto a sua compreensão correspondem à percepção de uma ação em curso ou ação possível.

Acreditar que o corpo situado não pensa faz legitimar uma relação de poder onde uma razão incorpórea deve dominar o corpo, do mesmo modo que o espírito deve dominar a natureza, o adulto deve dominar a criança, o homem deve dominar a mulher, o patrão deve dominar o empregado, os países “intelectualizados e modernos” devem dominar os “países primitivos e atrasados”. Trata-se de um sistema hierárquico onde um núcleo autoritário centraliza o poder.

No Brasil, convivemos com uma noção diferente do corpo, valorizamos muito o jeito de uma pessoa, ele chega a ser um critério para darmos ou não um “jeitinho”. A expressão jeitinho apareceu na primeira metade do século XX, com o processo de modernização industrial do Brasil, quando o brasileiro, acostumado com a vida social apoiada nas relações pessoais, viu-se repentinamente transformado em indivíduo. O indivíduo não tem jeito: os critérios de relação social entre indivíduos estão apoiados na imparcialidade. O jeito do corpo importa nas relações com o caráter afetivo. Para o indivíduo, o importante é a autonomia preservada pela imparcialidade normativa.

A grande mídia trabalha com a idéia de que somente o indivíduo imparcial será capaz de nos “levar para frente”. E tudo que acontece de errado nas nossas instituições privadas ou políticas (corrupção, suborno, rabo preso, etc.) é tratado como culpa do jeitinho, que não é uma prática “moderna” e revelaria nosso atraso. No entanto, a especificidade do jeitinho é priorizar a afetividade em algumas circunstâncias, apesar da norma.

O jeitinho não é consequência de um “atraso” por não sermos indivíduos imparciais. Ele envolve uma outra visão de homem e organização humana. Só damos um jeitinho para quem sabe pedir com um jeito: com humildade, simpatia, urgência diante de uma imprevisibilidade. Diante de um jeito superior ou arrogante não damos um jeitinho, invocamos a lei. Portanto, ele revela um critério ético e uma axiologia sobre um modo de ser no mundo: este modo de ser aceita a participação da imprevisibilidade, da fragilidade, da afetividade e da invenção dentro das organizações.

A supervalorização da norma sobre a afetividade acompanha a antiga separação hierárquica entre o saber erudito dos sacerdotes das cidades e o saber popular dos camponeses. Hoje equivale ao sério problema da separação entre a produção intelectual e a urgência da rua.

O jeitinho, antes de ser um reflexo do nosso atraso, revela uma alternativa ao modo de vida do indivíduo, que está sempre comprometido antes de tudo com o seu sucesso pessoal. Pode ser entendido

como uma resistência apoiada num filosofar que acontece na rua e não nos gabinetes dos eruditos. O jeito pode ser visto como uma resistência ao modelo coercitivo, competitivo, exclusivo e imparcial do capitalismo. Resiste no fundamento deste sistema: na concepção do *ethos* humano. Este *ethos* é continuamente bombardeado pela grande mídia, quando tudo que não presa é associado ao “jeitinho brasileiro”, fazendo-nos acreditar que o homem que somos é incapaz de gerenciar nossos recursos e nosso destino.

No entanto, o jeito pode ser compreendido como uma resistência anarquista: não enfrenta o jeito representativo do pai com outro jeito representativo - ele boicota. Não é trágico, mas bem humorado: revela a capacidade do corpo rir das ilusões invulneráveis do espírito. A aceitação da imprevisibilidade e da fragilidade humana nas situações onde se dá um jeito implica na aceitação da nossa condição de corpo. É o corpo que pode pegar uma febre, ficar preso num pneu furado, ser tocado por uma circunstância. Nesta condição corporal está a possibilidade de uma participação não autoritária, que permite enxergar um palmo diante do nariz dentro das forças da situação.

A dificuldade de localização com relação às forças da situação corresponde a uma alienação do espaço-tempo, uma alienação corporal. A campanha autoritária a favor do modelo da sociedade moderna estadunidense e seu ideal de homem como indivíduo dificulta a percepção das nossas forças culturais, epistemológicas e éticas, conduzindo a atenção para um espaço-tempo alheio, produzindo atitudes alienadas: mal situadas.

O jeito brasileiro acompanha a potência mítica da guerra holandesa - como disse Oswald de Andrade - quando nossa cultura órfica, híbrida e mulata confrontou os holandeses, representantes do lucro e da ascensão da burguesia com seu Deus cioso e exclusivista - e vencemos!

Portanto, a visão de homem, implicada no jeito e no jeito do corpo, acompanha uma utopia, um futuro possível que sugere um sistema democrático, cooperativo, socialista, instável e apoiado na intercomunicação. E, por incrível que pareça, se aproxima da utopia do sol desenvolvida pela escola da biomassa: um corpo situado na natureza tropical, capaz de produzir uma cultura movida pela energia vegetal que, associada a uma reforma agrária, produzida pela pequena agricultura e comercializada por nós, favorecerá um modo de vida diferente da vida urbana dos indivíduos: mais rural e cooperativo, com homens capazes de dar um jeito, comovidos com o jeito de um corpo.

Este é o confronto mítico da nossa contemporaneidade.

**Fernanda Carlos Borges** é filósofa e autora do livro “A Filosofia do Jeito - um modo brasileiro de pensar com o corpo”. [nandacarlos@uol.com.br](mailto:nandacarlos@uol.com.br)